

ERNESTO GUERRA DA CAL E A CONSTRUÇÃO DESDE NOVA IORQUE DE UM NOVO DISCURSO CULTURAL BRASILEIRO

Joel R. Gómez¹

Ernesto Guerra da Cal já não precisa ser apresentado no Brasil. Sua lição de crítico, sua voz de poeta, seu calor humano, fizeram dele uma extraordinária legenda que preservamos conosco, e onde se mistura, numa estranha e perfeita combinação, o mestre que seguimos e o irmão que amamos. (Eduardo Portella, 1965)

Ernesto Guerra da Cal é um grande amigo do Brasil, profundo conhecedor da nossa cultura, em especial da literatura brasileira, cuja difusão ele promove entre estudiosos e professores norte-americanos. É uma presença brasileira onde quer que apareça. (Afrânio Coutinho, 1973).

I. Introdução

As efemérides, as comemorações, as homenagens, e outras atividades que celebram pessoas ou acontecimentos, procuram a fixação, extensão/comunicação² e consolidação de um conhecimento. Instituições e entidades particulares promovem assim modelos a preservar, que julgam de valor para os seus próprios interesses e que visam aplicar para a identificação nacional. O que se apresenta como “natural” ou “normal” é o resultado de processos, de lutas travadas em

² Depende da orientação e de como se faça. Utilizam-se aqui estes termos com o significado que lhes atribui Paulo Freire (1975), como opostos.

¹ Membro do Grupo Galabra da Universidade de Santiago de Compostela. E-mail: <rgjoel@gmail.com>.

numerosos campos: Político, Econômico, Cultural, Científico, Literário, etc. Os vencedores agem para impor as suas teses valendo-se de leis e outros instrumentos que facilita a ostentação do poder, com o fim de substituir velhos pressupostos. É assim como se contribui a formar o gosto, ou conceitos como o de “qualidade”³, com intenção uniformizadora; e como se constroem idéias centrais e cânones, com o intuito de favorecer uma coesão que fortaleça as elites que defendem esse conhecimento, transmitido através do ensino, os mídia, e por outros procedimentos. A finalidade é reproduzir estatutos e modelos de vida, adaptando-os às transformações dos tempos, como assinalam Pierre Bourdieu e Passeron (1970). Quem ajuda para prosperar um novo discurso beneficia dessa aliança, e os perdedores vão ficando preteridos, expulsos para a periferia, quando não para a marginalização e o esquecimento.

Esclarecedor exemplo ao respeito é a atuação de Ernesto Guerra da Cal (Ferrol, dezembro de 1911-Lisboa, julho de 1994). De origem galega, exerceu entre 1939-1977 como professor universitário em Nova Iorque, com importantes cargos e responsabilidades. Interveio em campos como os do Ensino, a Cultura, a Literatura, o Científico/dos Estudos Literários, ou o da Comunicação Social. Durante décadas trabalhou para inserir a língua e a cultura da Galiza na hoje conhecida como CPLP. A sua atuação levou-o a estabelecer contactos com elites do Brasil e a trabalhar estreitamente com elas. Este artigo analisa esse relacionamento e as suas conseqüências.

II. O Brasil desde os EUA

Pela labuta de décadas como defensor e divulgador da cultura e dos interesses do Brasil nos EUA, Da Cal recebeu a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul que lhe outorgou o Governo de Juscelino Kubitschek; a Medalha Padre Anchieta do Estado do Rio de Janeiro; ou a designação de Cidadão de Honra do Rio de Janeiro pela Prefeitura da cidade, as três distinções em 1960. No âmbito acadêmico foram-lhe concedidas as medalhas de Doutor Honoris Causa pela Universidade da Bahia (1959) e a Óskar Nobiling da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura (1976), entre outras honras (veja-se infra). Beneficiou desse

³ Elias Torres (2002: 12) defende não ser a qualidade literária “um lugar a que aspirar exclusivamente definido pelos poderosos de cada momento. No grupo de investigação Galabra entendemos a qualidade literária assim como a produção de valor como construções históricas e é desse ponto de vista que tentamos estudar”.

relacionamento para a sua promoção, tendo ocupado responsabilidades diretas nos EUA no Inter University Seminar of Latin American Studies (1955-56), na Modern Language Association of America (1955-1957), na American Association of Teachers of Spanish and Portuguese (1956-1958), no Institute of International Education (1959-1960) ou na Hispanic Society of America (1961-1977); e em 1972 recebeu homenagem na Semana de Arte Moderna Symposium, na Universidade de Califórnia Los Angeles, como Pioneiro no desenvolvimento dos estudos Luso-Brasileiros nos EUA, por citarem-se entidades e instituições onde atingiu resultados positivos pelo relacionamento com os interesses do Brasil.

Da Cal relacionou-se com produtores que desempenhavam postos e responsabilidades centrais, e eram destacados agentes de campos da sociedade brasileira, nomeadamente os do Poder Político, através do Itamaraty e personalidades de outras áreas governamentais; o do Ensino Universitário, com iniciativas para a formação de estudantes dos EUA e do Brasil nos dois países; o Científico/dos Estudos Literários; o Literário e o da Comunicação Social. A sua atuação foi progressiva, segundo as posições que ele próprio ocupava, e vale a pena diferenciar quatro etapas.

II.1. De 1939 a 1950

Após finalizar o Curso de Letras na Universidade Central de Madrid, em junho de 1936, adere na Guerra da Espanha, iniciada no mês seguinte, à legalidade da República. Em 1939 encontra-se em missão oficial em Nova Iorque, onde se exila, como perdedor da contenda bélica.

Principia a exercer o ensino universitário primeiro em postos auxiliares, e integra-se no quadro professoral da New York University (NYU) em 1941, em que se consolidou. Como especialista em línguas e literaturas, dedica esforços para o desenvolvimento dos idiomas e culturas dos âmbitos lusófono e hispânico, e com tal ensejo estabeleceu ligações com instituições e produtores do Brasil e Portugal. A Segunda Grande Guerra e o ser Brasil país aliado favoreceu o interesse pelos seus assuntos nos EUA, de que beneficiaram os estudiosos e especialistas, entre eles Da Cal, que se assentou nesse país de acolhida atingido a nacionalidade em 1945.

Completo a formação acadêmica com o doutoramento em 1950, na Columbia University nova-iorquina, com um estudo sobre Eça de Queirós. Foi também

nesse tempo quando começou a dar-se a conhecer como especialista, com conferências, artigos em revistas e produções sobre línguas e literaturas espanhola, portuguesa, galega, hispano-americana, medieval e brasileira, além de crítica literária.

II.2. De outubro de 1950 a agosto de 1960

Em outubro de 1950 Da Cal participa no primeiro Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em Washington, na Biblioteca do Congresso. Já doutor, o que favorecia a sua estabilidade profissional, e com alicerces firmes no país de acolhida, aproveita para estabelecer contactos para a sua projeção profissional. Pelo Brasil participaram no Colóquio as universidades do Brasil, São Paulo, Recife e Pontifícia do Rio, para além da Federação de Academias de Letras e outras entidades e instituições. Pedro Calmon chefiava a delegação brasileira, integrada entre outros por Cecília Meireles, Sérgio Buarque de Holanda ou José Honório Rodrigues, por citar apenas alguns nomes de diferentes âmbitos com os quais Da Cal estabelecerá relações intensas.

A sua dedicação brasileira favorece que seja eleito para redigir verbetes sobre J. M. de Alencar, Casimiro de Abreu, Aluizio de Azevedo, A. de Castro Alves, Euclides da Cunha, Gonçalves Dias e Machado de Assis, para a (Da Cal, 1952-1953) *Collier's Encyclopedia*. Potenciava assim esses produtores do cânone da Literatura Brasileira nos países de língua inglesa, e favorecia a sua projeção internacional. Foi um trabalho que, com certeza, não passou despercebido para a representação diplomática brasileira, num tempo em que a literatura do Brasil principiava a se diferenciar da de Portugal nos EUA e começava a divulgar através de traduções autores como Erico Veríssimo, o visconde Alfredo Taunay, Graciliano Ramos ou Euclides da Cunha.

Em 1952 inicia uma colaboração semanal com a estação de rádio *Voice of America*, onde se ocupará esse ano (Da Cal, VII-1952) da primeira tradução de Machado de Assis nos EUA, contribuindo para situar este produtor numa melhor posição no exterior. Esse era objetivo central para as elites que se movimentavam em redor da Academia Brasileira de Letras, e para a política cultural brasileira em geral.

Em 1953 foi designado “Chairman” do departamento de Espanhol e Português do Washington Square College da NYU, importante promoção

profissional e que potenciava a sua capacidade de influência. Última a edição em Portugal do estudo de Doutoramento (Da Cal, 1954), *Lengua y Estilo de Eça de Queirós*. O livro terá boa recepção no Brasil, sendo indigitado de modelar para os estudos literários e muito citado. Gilberto Freyre, figura central brasileira da altura foi o primeiro em destacá-lo, e nos anos seguintes somaram-se outros reconhecidos nomes dos campos Literário e dos Estudos Literários⁴.

Na NYU, Da Cal empenha-se em fundar um Instituto Luso-Brasileiro, mas não consegue apoios em Portugal, onde existiam prevenções contra ele, pelo seu passado anti-franquista. Foi uma gestão demorada, de anos, fruto da qual prospera o Brazilian Institute. As primeiras atividades dessa instituição foram um curso para formar estudantes brasileiros em Nova Iorque e a inauguração oficial, no final de 1958. Com tal ensejo, em novembro desse ano Da Cal visita várias universidades brasileiras para selecionar o alunado, e reforça e amplia os laços que mantinha com representantes de diferentes campos. A sua presença tem repercussão na comunicação social, e aproveita para lançar um projeto que causa sensação: a intenção de dedicar a Machado de Assis um estudo semelhante àquele de 1954 a Eça de Queirós, que tanto estava a favorecer a internacionalização do produtor português⁵; mas também avisa da sua condição de galego e do intuito de que a língua e cultura da Galiza confluíssem com as de Portugal e o Brasil⁶. O Brazilian Institute foi inaugurado oficialmente em dezembro, com o apoio dos campos Político, Econômico e Cultural dos dois países, e com solenidade, e o presidente da Câmara de Nova Iorque, Robert Wagner, declarou três jornadas brasileiras na cidade.

4 O contributo de Freyre publicou-se no jornal *O Cruzeiro*, em 31 de julho de 1954. Outras referências sobre o livro de Da Cal são de Sílvia Elia (*Revista de Filologia Brasileira*, junho de 1955); Silveira Bueno (*Jornal de Filologia*, primeiro trimestre 1956), Moacyr de Albuquerque (*O Jornal do Rio de Janeiro e Diário de Pernambuco*, em julho e agosto de 1958), Aderson Magalhães (*Correio da Manhã*, 30 de junho de 1959) ou Adolfo Casais Monteiro (*O Estado de São Paulo*, 9 de setembro de 1959). A respeito do conteúdo destes trabalhos ver Gómez (2002 e 2009).

5 A notícia foi destacada na capa do *Jornal de Letras* na edição de dezembro, e ocupou espaço importante no *Jornal do Brasil*, onde lhe dedicou reportagem Teresa Trota em 7 de dezembro. Outras notícias respeitantes à sua presença encontram-se no *Jornal do Brasil e Visão* (21 de novembro, a do jornal assinada por Mauritônio Meira), *Jornal do Commercio* e *Diário de Pernambuco* de Recife, ou *Diário de Notícias e Estado da Bahia* (26 de novembro), sempre em 1958.

6 Em concreto, na notícia publicada na capa do *Jornal de Letras* de dezembro, anuncia-se que vai editar um livro "de versos galegos" em que "fará êle a inovação de utilizar uma ortografia basicamente portuguesa", como assim será. Também se referirá a essa questão v. gr. na reportagem de Teresa Trota.

As expectativas geradas por essa instituição, o conhecimento e a simpatia que Da Cal manifesta pelo Brasil, e os contatos pessoais com as elites brasileiras que tinham especial empenhamento na promoção de interesses nos EUA, favoreceram uma importante projeção brasileira no biênio 1959-1960, e neste ano chegaram-lhe as condecorações e reconhecimentos institucionais indicados supra. Foi convidado em julho de 1959 como relator na Semana de Estudos Americanos celebrada na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, inaugurada pelo presidente da República e com intervenção do ministro Negrão de Lima e outras personalidades. Em agosto teve participação de destaque no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, na Bahia. Nesse Verão proferiu (Gómez, 2009: 186) conferências na universidade do Ceará e no Recife e concretizou-se o primeiro *Junior Year* de estudantes dos EUA na Bahia, também por ele promovido desde a NYU. Esta iniciativa pedagógica prolongou-se nos anos seguintes, e no curso 1960-1961 Da Cal deslocou-se a São Paulo, em cuja universidade colaborou com o projeto o professor Fernando Henrique Cardoso. Essa atividade profissional teve como complemento o seu lançamento como produtor literário no Brasil, com a publicação de poemas nas revistas (Da Cal, abril 1959) *A Ordem*⁷ e no (Da Cal, setembro 1959) *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro, para além da estréia da cantata (Da Cal, agosto 1959) “Colóquio” composta por Camargo Guarnieiri, em agosto desse ano, na sequência do encerramento do Colóquio da Bahia, alicerçada num seu poema. Apresentava-se assim como poeta galego no Brasil antes que na Galiza, onde *Lua de alén mar*, o seu primeiro livro de poesia, sairá em outubro: nele utilizará a ortografia “basicamente portuguesa” como tinha anunciado, e reforça esta posição com uma “Nota”, em

7 Revista dirigida por Alceu Amoroso Lima, quem se tinha deslocado para a NYU como convidado do Brazilian Institute. Para a escola em que se formou Da Cal, na Universidade de Madrid, o crítico literário devia demonstrar na prática a sua capacidade de produtor literário, como assim fizeram Damaso Alonso e outros representantes da mesma, de aí o interesse na publicação de poemas e em que fossem bem aceites.

que indica que o verdadeiro meridiano espiritual da Galiza passava “por Lisboa e pelo Rio”. Estas realizações ecoaram em espaços da comunicação social brasileira⁸.

Em agosto de 1960 participa como Convidado de Honra, juntamente com Jean-Paul Sartre (a quem acompanhou Simone de Beauvoir) no primeiro Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, sendo aqui o seu principal valedor Eduardo Portella, destacado membro das novas elites que se configuravam no país. Neste congresso Sílvio Elia salientou como modelo para os estudos literários a metodologia estilística e comparatista que Da Cal utilizava no estudo sobre Eça de Queirós.

Além disso, nos EUA publicou-se a antologia *The Poem Itself*, salientada como original por como apresentava as composições que incluía, e em que ele (Da Cal, 1960) estudava Cecília Meireles e Manuel Bandeira (além de Fernando Pessoa). Todo isto favoreceu que na comunicação social brasileira se ocupasse dele até por três vezes uma figura na altura já consagrada como Manuel Bandeira (1960), além de espaços em revistas e jornais do Ceará, São Paulo e Rio⁹.

II.3. Até ao final do período profissional (1977)

Da Cal manterá na atividade profissional a relação privilegiada com esses meios e pessoas, sobretudo da Academia Brasileira de Letras, de universidades do Brasil, e dos grupos da revista *Tempo Brasileiro* (Portella encoraja-o para que colabore desde o primeiro número) e do *Jornal de*

8 Ernani Tavares assina uma reportagem sobre Da Cal na revista *Visão*, em 17 de abril; e este mesmo meio noticia de novo sobre ele em 26 de junho. *O Correio da Manhã* (2 de agosto), o *Diário de Notícias* e o *Estado da Bahia*, de Salvador (entre 20 e 30 de agosto), e a revista da Universidade do Ceará também se ocuparam da sua atividade na altura no Brasil.

9 No *Correio da Manhã*, em 19 e 22 de junho, Bandeira comentou o acerto dessa antologia; e no *Jornal do Brasil*, em 21 de dezembro, fez recensão de *Lua de Alén Mar*. Este poemário foi recenseado em 16 de agosto no *Jornal do Comércio* de São Paulo, em trabalho assinado por S. L. Trata-se de críticas de relevo, por não ser habitual na altura que no Brasil ecoasse a poesia galega. Nesse poemário Da Cal dedica composições a Dora Alencar Vasconcellos, cônsul brasileira em Nova Iorque; Carleton Sprague Smith, brasileiro e co-fundador do Brazilian Institute; e aos escritores e críticos Celso Cunha, Alceu Amoroso Lima, Eduardo Portella e Hélio Simões, com quem tinha estabelecido contatos estreitos pela atividade profissional. A revista *Clã* frisava a sua presença na Universidade do Ceará, juntamente com Adolfo Casais Monteiro e Jorge Amado; e no Rio ocupa-se dela a *Tribuna da Imprensa* (20 e 21 de agosto).

Letras, até a aposentadoria em 1977. Favorecerá a cultura e os interesses brasileiros, e receberá em contrapartida o apreço e a promoção das suas produções no Brasil. Entre 1960 e 1966 participa no programa *Cultural Colloquium*, da estação *Voice of America*, orientado para o Brasil, que o mantinha na atualidade do país.

Nesse tempo publicou na Galiza o segundo livro de poesia (Da Cal, 1963), *Rio de Sonho e Tempo*, que também terá reconhecimento importante de críticos¹⁰. Esse ano, em setembro, no V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros celebrado em Coimbra, defendeu conjuntamente com Pedro Calmon, Celso Cunha, e Alberto Machado da Rosa (professor açoriano exilado nos EUA, que tinha colaborado com ele no já assinalado *Junior Year* na Bahia) a proposta de criar uma instituição para a aproximação da língua comum a Brasil, Portugal e a Galiza. A proposta prosperou, mas não se concretizou, apesar dos esforços de Celso Cunha (veja-se Cunha, 1970).

Implicou-se no lançamento, em 1964, da *Luso-Brazilian Review*, pela Universidade de Wisconsin, um empreendimento do seu amigo Alberto Machado da Rosa, e revista central para os interesses dos países de fala portuguesa nos EUA. Na sua despedida da NYU, participou num recitado de poesia juntamente com a cônsul brasileira Dora Vasconcellos e com o poeta e professor Cassiano Nunes, de que se editou (Da Cal, 1964) publicação específica, com estudo introdutório de Antônio Houaiss¹¹; e desde o ano acadêmico 1964-1965, em que se transferiu para a City University of New York (CUNY) continuou com uma intensa labuta orientada para os interesses do Brasil e de Portugal, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, ajudado pela existência de um novo programa de doutoramento em “língua e literatura luso-brasileira¹²”.

10 Dedicou nele poemas para vultos da cultura e da literatura como Cecília Meireles, Elycio Condé, Manuel Bandeira e Thiers Moreira. Ocupam-se do livro, ou dele e de *Lua de Alén Mar*, Antônio de Oliveira Coelho (*Jornal de Letras*, fevereiro-março 1965), Eduardo Portella (*Jornal de Letras*, agosto 1965), Estella Glatt (*Tempo Brasileiro*, outubro 1965), e Euryalo Cannabrava (*Tempo Brasileiro*, 1969), duas publicações relacionados com Eduardo Portella e Elycio Condé, representantes de aquelas elites brasileiras com que se relacionava. Além disso, de novo aproveita o capital simbólico de Manuel Bandeira (agosto de 1965) quem assina uma versão para o *Jornal de Letras* de dois poemas de Da Cal.

11 Em 1964, no primeiro número da *Revista Camoniana* editado em São Paulo, publica-se com comentário de destaque, “Cantiga a Luís de Camões” do seu (Da Cal, 1959) primeiro livro de poesia. Em nota talvez de Segismundo Spina é apresentado como “o Trovador de Ferrol”.

12 A formulação de “luso-brasileira” não será bem aceite por certos grupos do Brasil, que se sentiam preteridos, e assim o assinalará v. gr. Afrânio Coutinho num artigo publicado no Brasil em 3 de abril de 1966. A primazia do termo “luso” favorecia-a o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian.

Em 1969¹³ a editora Tempo Brasileiro publicou uma tradução do estudo queirosiano de 1954. Realizou-a Estella Glatt, do grupo do editor Eduardo Portella, quem se apoiou para a edição de financiamento da Universidade de São Paulo (o volume explicita a colaboração do reitor Miguel Reale). Esta tradução —existia uma de 1967 em Portugal, e demorou-se a publicação no Brasil (ver Gómez, 2009: 323 e passim) por conflito de interesses entre as editoras dos dois países— terá lançamento no Rio de Janeiro em janeiro de 1970. Com tal ensejo Da Cal tem dupla participação de destaque na UFRJ: num seminário de língua inglesa e literatura americana, organizado pela fundação Fulbright, e com três conferências de crítica literária. No seminário profere conferência sobre o impacto da cultura brasileira nos EUA, reproduzida (Da Cal, outubro de 1970) em jornais de Porto Alegre e Recife. Por causa da tradução do volume queirosiano, de novo se ocupam do estudo vários críticos e jornalistas do Brasil¹⁴, e o livro também chama a atenção de escritores como (Oliveira, 19-XI-1878) Guimarães Rosa, que o recomenda. A UFRJ editará (Da Cal, 1973) as três conferências por ele proferidas três anos antes, com elogiosa apresentação de Afrânio Coutinho.

Outros produtos de Da Cal editados nos EUA e em Portugal ecoam no Brasil. Aurélio Buarque de Holanda, Adonias Filho e José Honório Rodrigues referem-se a *Literatura del Siglo XX*, livro de texto universitário para literaturas hispânicas, numa sessão da Academia Brasileira de Letras, segundo recolhe a revista da instituição do segundo semestre de 1971; Guilhermino César ocupa-se de um estudo de Da Cal sobre o romance queirosiano *A Relíquia*, no jornal *O Correio do Povo* de Porto Alegre, em 11 de agosto de 1973; e em setembro de 1976 Leodegário A. de Azevedo Filho e Elysio Condé põem em destaque o primeiro volume da *Bibliografia Queirociana* de Da Cal, no *Jornal de Letras*¹⁵.

13 Nesse ano (Da Cal, XII-1969) publica de novo poesia no *Jornal de Letras* do Rio.

14 Entre as recepções em 1970 estão: em janeiro, um artigo anônimo no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro o dia 17; outro assinado por “Y.” no *Jornal de Brasil*, o dia 22; e de A. M. Silva em *Voz de Portugal* o dia 31. Em 19 de março, de Artur de Almeida Torres no *Jornal do Comércio* do Rio, e de “X.” e “Acácio”, em *Província do Pará* (Belém). De Renato Bittencourt, em *O Globo*, aos 2 de abril; de Correia de Sá, no *Jornal do Comércio* do Rio, aos 14 de maio; de Fausta Herrera na *Folha do Norte* (Belém), aos 15 de maio; e de Edilberto Coutinho no *Correio da Manhã* (Rio) aos 18 de junho.

15 A *Bibliografia Queirociana* (Da Cal, 1975-1984) consta de seis volumes, editados pela Universidade de Coimbra, e desde o primeiro é referência central para os estudos queirosianos. Wilson Martins (em 20-IV-1985, no *Jornal do Brasil*), após finalizar a publicação do último volume, qualificou-a de “Monumento a Eça de Queirós”. Para os modernos queirosianistas brasileiros mantém-se como referência principal (ver; v.gr, o contributo de Beatriz Berrini [in *Eça de Queirós*, 1997])



Em 1975 visita de novo o Brasil. Na primeira metade da década de 1970 a comunicação social brasileira continua a interessar-se por ele¹⁶. Numa entrevista de Lília Pandolfi, em abril de 1970, no *Jornal de Ipanema*, e outra de Ant3nio Carlos Villaça, em 9 de agosto de 1975 no *Jornal do Brasil* (reproduzida depois no volume *Literatura e Vida*, em 1976) Da Cal manifesta a intenç3o de residir no Brasil ap3s se aposentar. Tinha o projeto de lecionar na UFRJ, e Afr3nio Coutinho e Eduardo Portella receberam a encomenda de fazer as gest3es. Mas n3o foi poss3vel. Um outro amigo, Guilherme Figueiredo, esclarecer3 em carta datada aos 18 de maio de 1975, que “Se for poss3vel um contrato, certamente todos n3s faremos o imposs3vel para que voc3 e sua esposa tenham as passagens. N3o est3o f3ceis, o governo brasileiro anda com a mania de auxiliar os t3cnicos e de dizer que n3s, os literatos, n3o temos utilidade”. Desta ep3stola conclui-se como outros interesses primavam na agenda pol3tica, que passavam para um segundo plano os campos Liter3rio e Cient3fico/dos Estudos Liter3rios, o que influir3 em que se n3o concretize esse projeto, o que supor3 uma grande decepç3o, segundo reconhecer3 (Da Cal, 1968) no epistol3rio com E. Cannabrava.

No entanto, e antes do final da etapa profissional, receber3 o reconhecimento da Sociedade Brasileira de L3ngua e Literatura, liderada por Leodeg3rio A. de Azevedo Filho, que lhe concede a medalha Oskar Nobiling pelos seus m3ritos ling3sticos e culturais. Mas j3 n3o recuperar3 a primazia e a influ3ncia que teve sobretudo entre finais de 1958 e o ver3o de 1975, um longo per3odo de 17 anos em que o Brasil foi um centro de relevo para a sua atividade e produç3o.

¹⁶ Em janeiro de 1970, Elysi3 Cond3 entrevista-o no *Jornal de Letras*; e noticiam dele o 16 o *Estado de S3o Paulo* e o *Di3rio de Not3cias do Rio*; o 21 o *Di3rio de Not3cias do Rio* e o *Di3rio de Minas* de Belo Horizonte; o 22 o *Jornal do Brasil*; e o 25, Wilson Sousa in *O Jornal do Rio*. Em fevereiro *O Mundo Portugu3s*; e em janeiro e fevereiro *Voz de Portugal*, tamb3m do Rio de Janeiro, em trabalho em oito entregas de Jorge Leonardo. Em abril, L3lia Pandolfi entrevista-o no *Jornal de Ipanema*.

II.4 No tempo da aposentadoria, até a morte (1994)

No verão de 1977, já aposentado, Da Cal estabelece a sua residência no Estoril. Nos últimos anos da vida desloca-se para Londres e de novo Nova Iorque, tornando finalmente para Lisboa, onde morre em julho de 1994.

A intensa atividade nos campos Científico e Literário que mantém em Portugal espelha-se também no Brasil, mas com menor intensidade. Em 1978 mais uma vez as páginas do *Jornal de Letras* do Rio recolhem uma entrevista que lhe tinha feito o queiroso Alfredo Campos Matos, difundida previamente em Lisboa.

Num volume de homenagem a RubenAndresen Leitão dedica (Da Cal, 1981) um estudo ao conto *A Missa do Galo*, de Machado de Assis. Reprova que não se tivesse feito um estudo dos contos deste produtor brasileiro, afirmando que “esta parte da obra do romancista merece sem dúvida um tipo de atenção crítica que ela ainda não recebeu”. No entanto, o grande trabalho estilístico (Gómez, 2004 e 2007; e Torres Feijó-Gómez, 2008) que ele prometera ficou também sem fazer, e este será ou seu principal contributo ao respeito.

Em setembro de 1983, no *Jornal de Letras* do Rio, Elysio Condé lembra o congresso de 1960 e a presença de Da Cal e Sartre como convidados, trabalho que recolherá no volume de memórias *O navegante solitário* esse mesmo ano.

Edita em Portugal o poemário (Da Cal, 1985 a) *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*, em que dedica o poema “Colóquio” a Camargo Guarnieiri, lembrando que o tinha musicado em 1959; e a (Da Cal, 1985b) *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, em que adapta em forma de poesia um depoimento de Cecília Meireles sobre Rosalia de Castro, e inclui poemas de Gilberto Mendonça Teles e de Joaquim-Francisco Coelho. Teles ocupar-se-á desse volume no *Jornal de Letras* do Rio, em abril de 1986. Neste jornal o académico português Luís Forjaz Trigueiros publicou no verão de 1985 trabalho crítico sobre a poesia de Da Cal.

Reedita na Galiza (Da Cal, 1991) os livros de poesia de 1959 e 1963, mantendo as dedicatórias a brasileiros, e salientando de diferentes maneiras o sucesso no Brasil ao longo da sua trajetória. Em 29 de novembro de 1991 e em 10 de janeiro de 1992 Guilherme Figueiredo dedica-lhe dois artigos no jornal *O Globo*.

Publica o seu último trabalho queiroso, “Testamento de Mecenas”, sobre um artigo que Eça de Queirós ideou para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro e que não fez, mas que foi editado póstumo, e esclare neste artigo (Da Cal, 1992) a pesquisa que tinha feito na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em que descobrira as circunstâncias desse produto.

Nestes tempo Da Cal defende com firmeza a confluência da língua autóctone da Galiza com a dos países da hoje conhecida como CPLP. Adere aos Acordos Ortográficos de 1986 e 1990 e preside a Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro desde os inícios. Conseguiu que amizades dele apoiassem esse posicionamento, como Celso Cunha, que acudiu em novembro de 1980 ao Colóquio de Tréveris (acontecimento central na luta que se dava na Galiza pela questão ortográfica); mediou perante as delegações portuguesa e brasileira para que propiciassem a presença de representantes galegos nas reuniões dos Acordos Ortográficos de 1986 e 1990 (sendo ele o esperado na reunião do Rio de 1990, mas delegando); ou que vultos como Leodegário de Azevedo Filho, Sílvio Elia, Gladstone Chaves de Melo e Evanido Bechara participassem ativamente na defesa desta integração galega através de entidades como a Associação Galega da Língua e as Irmandades da Fala de Galiza e Portugal (Bechara também, desde 2008, na Academia Galega da Língua Portuguesa).

A morte de Da Cal foi lembrada com um “voto de pesar” na Academia Brasileira de Letras, pelo seu grande amigo e aliado Eduardo Portella (VII/XII-1994). Continuou a ser citado e julgado de vulto central dos estudos queirosianos, e foi-lhe dedicada em 1997 a *Obra Completa* de Eça de Queirós editada no Brasil, ao cuidado de Beatriz Berrini. Em 1998 Guilherme Figueiredo no livro de memórias *A bala perdida* lembrará as reuniões que ele, Heitor Villa-Lobos e outros brasileiros tinham na morada de Da Cal em Nova Iorque, onde eram bem recebidos, o que evidencia que o relacionamento além de profissional era bom igualmente no plano pessoal (foi mesmo padrinho do casamento, em Nova Iorque, de Eduardo, filho de Afrânio Coutinho). Neste século, foi lembrado em 2002, pelos 40 anos da revista *Tempo Brasileiro* e da homenagem que com tal ensejo lhe foi tributada a Eduardo Portella; Wilson Martins (29-XI-2003), professor que o sucedeu na NYU, referiu-se a ele como “O grande galego”, no jornal *O Globo*; ou foi destacado (Gómez, 2006) entre os “Autores Luso-Brasileiros” pela revista *Convergência Lusíada*.

III. Conclusão

O relacionamento de Ernesto Guerra da Cal com o Brasil foi intenso sobretudo entre as décadas de 1950 e segunda metade da de 1970, com numerosas realizações e atingindo sucesso profissional e pessoal. Travou amizade com pessoas e grupos que atingiram posições de relevo, sendo Alceu Amoroso Lima, Pedro Calmon, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Celso Cunha, Eduardo Portella, Guilherme Figueiredo ou Leodegário A. de Azevedo Filho alguns dos seus principais aliados, que conseguiram posições de relevo nos campos Literário, Científico/dos Estudos Literários, e Político, mesmo internacionalmente. O trabalho de Da Cal contribuiu para a internacionalização da cultura e a literatura do Brasil, e para a construção de um novo discurso cultural brasileiro nos EUA através da sua atividade profissional, bem como para a o processo de canonicidade de Machado de Assis, alvos que visavam os grupos com que contactava. Através deles conseguiu igualmente apoio para as suas iniciativas respeitantes à Galiza, destacando-se a sua condição de galego por vultos como Manuel Bandeira (1960), Antônio Houaiss (1964), Eduardo Portella (1965) Afrânio Coutinho (1973), ou mesmo depois da sua morte Wilson Martins (2003) entre outros, implicando-os na sua proposta de confluência da língua galega com a portuguesa, e a consideração da cultura galega no âmbito lusófono. Continua a ser um especialista respeitado e lembrado.

Porém a resposta da Galiza foi díspar: encontrou pessoas que apoiaram as suas propostas, mas só na periferia, não no poder político, pelo que não prosperaram, por mais que se mantenham vivas lutas na defesa dessa ideologia, por vezes com posicionamentos coincidentes ou muito semelhantes aos dele, e outras com novas teses que insistem mais nos benefícios socioeconômicos e para a qualidade de vida da comunidade que representaria essa integração lingüística e cultural que Da Cal defendia. Isso explica que o centenário do seu nascimento passe despercebido para os poderes públicos galegos, e só desde entidades periféricas, e em menor medida desde o âmbito académico, se lembre essa efeméride.

O seu relacionamento com as elites do Brasil, e o sucesso atingido, foram pioneiras, e mesmo um modelo para as aspirações que na atualidade manifestam diversas elites galegas, sobretudo nos campos da Cultura e Literário, que trabalham para conseguir um relacionamento semelhante ao da sua trajetória.

IV. Referências

Bandeira, Manuel, (19 e 22-VI-1960), “Uma antologia diferente”, *Jornal do Brasil*, p. 3.

_____. (21-XII-1960), “Um poeta galego”, *Jornal do Brasil*, p. 3.

Bourdieu, Pierre/ Passeron, Jean-Claude (1970), *La Reproduction. Éléments pour une théorie du système d’enseignement*, Paris, Editions de Minuit.

Coutinho, Afrânio, (1973), “Ernesto Guerra da Cal, poeta e crítico”, in *Da Cal* (1973: 7-8).

Cunha, Celso, (1970), *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

Da Cal, Ernesto Guerra, (21-VII-1952), “*Epitaph for a Small Winner*, by J. M. Machado de Assis”, para a estação de rádio *Voice of America*, Lisboa, Espólio de Ernesto da Cal.

_____. (1952-1953) “J. M. de Alencar e outros verbetes de Literatura Brasileira”, *Collier’s Encyclopedia*, New York, P. F. Colliers.

_____. (1954), *Lengua y estilo de Eça de Queirós*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis.

_____. (IV-1959) “Serán Mística”, *A Ordem*, Vol. LXI, nº 4, pp. 53-54

_____. (19-VIII-1959) “Colóquio”, Salvador, *Diário de Notícias*, p. 9.

_____. (IX-1959) “Disparate miniado na morte do Rei Sábio”, *Jornal de Letras*, pp. 1 e 7

_____. (1959), *Lua de alén mar*, Vigo, Galáxia.

_____. (1960) “Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Fernando Pessoa” in Burnshaw, S. (ed.), *The Poem Itself: 45 Modern Poets in a New Presentation*, New York, Rinehart and Winston. (ed. europeia, 1964, *The Poem Itself: 150 European Poems, translated and analyzed*, Middlessex, Pelican).

_____. (1963), *Rio de Sonho e Tempo*, Vigo, Galaxia.

_____. (1964) “Cantiga a Luís de Camões”, *Revista Camoniana*, Ano I, nº 1, pp. 197-200.

_____. (1964), *Três Poetas em Auto-Leitura: Cassiano Nunes, Dora Vasconcelos, Ernesto Guerra da Cal*, New York, Brazilian Institute-NYU, (apresentação de António Houaiss).

_____. (VIII-1965) “Enigma” e “Compaixón” (com adaptação de Manuel Bandeira e apresentação de Eduardo Portella), *Jornal de Letras*, pp. 1 e 7.

_____. (1968), *Duas cartas para Euryalo Cannabrava*, Nova Iorque, Espólio de Ernesto da Cal na The Hispanic Society of America (conservadas em cópia)

_____. (XII-1969) “Dois poemas de Ernesto Guerra da Cal”, *Jornal de Letras*, p. 14.

_____. (1969), *Língua e Estilo de Eça de Queirós*, Rio de Janeiro-São Paulo, Tempo Brasileiro-Universidade de São Paulo (com prefácio de Euryalo Cannabrava).

_____. (1970) “O impacto da cultura brasileira nos EUA”, Rio de Janeiro, Comissão para o Intercâmbio Cultural entre os Estados Unidos e o Brasil. (*Correio do Povo*, Porto Alegre, 24 e 25 de Outubro; *O Jornal do Comércio*, Recife, 29 de Outubro).

_____. (1973), *Problemas do romance cervantino e a sua projecção no romance ibérico*, Rio de Janeiro, UFRJ, (Apresentação de Afrânio Coutinho).

_____. (1975-1984), *Bibliografia Queirociana*, Universidade de Coimbra (6 volumes).

_____. (1981), “A realidade conjectural num relato de Machado de Assis: ‘A Missa do Galo’”, in *In Memoriam Ruben Andresen Leitão*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 138-154.

_____. (1985), *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*, Lisboa, Sá da Costa.

_____. (1985, ed.), *Rosalina de Castro: Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, Lisboa, Guimarães Editora.

_____. (1987), *Deus, Tempo, Morte, Amor e outras bagatelas*, Lisboa, Horizonte.

_____. (1991), *Lua de Além-Mar. Rio de Sonho e Tempo*, A Corunha, Associação Galega da Língua.

_____. (1992) “ ‘Testamento de Mecenas’. (História do manuscrito de uma crônica póstuma de Eça de Queirós)”, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXXVII, pp. 369-387.

Da Cal, Ernesto Guerra/ Da Cal, Margarita Ucelay, (1968), *Literatura del siglo XX*, Nova Iorque, Holt, Rinehart & Winston, 2ª ed.).

Elia, Sílvio, (1964), “Sílvio e Sílvia. Uma aproximação estilística” in *Crítica e História Literária. Anais do I Congresso Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, pp. 141-151.

Figueiredo, Guilherme, (18-V-1975), “Carta a Ernesto Guerra da Cal”, Nova Iorque, Espólio de Ernesto da Cal na Hispanic Society of America

_____. (1998), *A bala perdida (Memórias)*, Rio de Janeiro, Topbooks.

Freire, Paulo, (1975), *Extensão ou Comunicação?*, Rio de Janeiro, Paz e Terra (2ª edição).

Gómez, Joel R., (2002), *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra da Cal: um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX*, Sada-A Corunha, Ed. do Castro.

_____. (2004), “O ensaio de Guerra da Cal sobre Eça de Queirós como modelo para Machado de Assis”, in *Atas do 2º Colóquio Relações Luso-Brasileiras. Deslocamentos e Permanências, promovido pelo Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras*, Rio de Janeiro, Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura (disponível na Internet: <http://www.realgabinete.com.br/portalweb/CentrodeEstudos/PolodePesquisaPPRLB/Col%C3%B3quiosdoPPRLB/Atasdo2%C2%BACol%C3%B3quio/tabid/83/language/pt-PT/Default.aspx>, último acesso: 30 de abril, 2012)

artigos . ERNESTO GUERRA DA CAL

Trabalho revisto e acrescentado in revista *Agália*, ano 2007, nº 89/90, pp. 101-127.

_____. (2006), “Da Cal, Ernesto Guerra”, *Convergência Lusíada*, nº 22, pp. 313-316.

_____. (V-2009), “O pensamento de Ernesto Guerra da Cal sobre a Lusofonia: Umha estratégia para a internacionalização da Língua e a Cultura da Galiza”, in *O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro (1850-2000)*. *Actas do I Congresso Internacional*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Universidade Católica Portuguesa, Vol. III, pp. 403-427.

_____. (2009), *A trajetória de Ernesto Guerra da Cal nos campos científico e literário*, Santiago de Compostela, USC-Servizo de Publicacións e Intercambio Científico (ed. em CD-ROM, ISBN: 978-84-9887-257-6.

Houaiss, Antônio, (1964), “Nota prévia” a *Três Poetas em Auto-Leitura*, in *Da Cal* (1964), pp. 5-7.

Martins, Wilson, (29-XI-2003), “O grande galego”, *O Globo* (Prosa e Verso, p. 4)

Oliveira, Franklin de, (19-XI-1978), “Rosa, o Político e o Escritor”, *Folha de São Paulo*, 1º caderno, p. 3.

Portella, Eduardo, (1958-1968), “Oito cartas a Ernesto Guerra da Cal”, Nova Iorque, Espólio de Ernesto Guerra da Cal in *The Hispanic Society of America*.

_____. (VIII-1965) “A poesia galega. A palavra (sobre e de) Ernesto Guerra da Cal”, *Jornal de Letras*, p. 7.

_____. (VII/XII-1994), “Voto de pesar pelo falecimento do ensaísta e poeta Guerra da Cal”, Rio de Janeiro, *Anais da Academia Brasileira de Letras*, Vol. 168, p. 136.

Queirós, José Maria Eça de, *Obra Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar (Ed. ao cuidado de Beatriz Berrini)

Torres Feijó, Elias, “Guerra da Cal, Eças e os valores da Naçom”, in *Gómez* (2002: 7-12).

Torres Feijó, Elias/ Gómez, Joel R., (2008), “Estudar Machado com a perspectiva queirosiana de Guerra da Cal: a necessidade de um projecto canonizador ‘à procura’”, *Matraga*, nº 23, pp. 11-26.

